

MARQUÊS DE SADE

**O corno de si mesmo
& outras historietas**

Tradução e notas de PAULO HECKER FILHO

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

SUMÁRIO

Abençoada simulação	5
O rufião punido	8
Vai assim mesmo	12
Aventura incompreensível atestada por toda uma província	14
A pudica ou o encontro imprevisto	18
Talião	24
A flor do castanheiro	28
O corno de si mesmo ou a conciliação inesperada	29
O marido castigado.....	38
O marido padre.....	44
Faça-se como requerido	50
A castelã de Longeville ou a mulher vingada.....	52
Os gatunos.....	58

ABENÇOADA SIMULAÇÃO

Há muita mulher imprudente que imagina que, desde que não dê tudo, pode, sem ofender, o marido, se permitir qualquer galanteria. Desse modo de ver as coisas, não raro resultam consequências mais perigosas do que se a queda fosse completa. O que aconteceu à marquesa de Guissac, mulher de relevo social em Nimes, no Languedoc, é uma prova dessa regra.

Louca, estabanada, alegre, cheia de espírito e delicadeza, a sra. de Guissac acreditou que algumas cartas amorosas, escritas e recebidas entre ela e o barão d'Aumelas, não levariam a nada, primeiro por ficarem ignoradas, mas se, infelizmente, fossem descobertas, ela não seria recriminada, podendo provar inocência ao marido. Enganava-se. O sr. de Guissac, ciumento em excesso, desconfia da relação, interroga uma doméstica, consegue uma carta. Nela não acha o que legitime seus receios, mas mais do que é preciso para alimentar suspeitas. Nesse cruel estado de incerteza, se mune de um revólver e de um copo de limonada e entra furioso no quarto da mulher.

– Fui traído, sra. – grita raivoso –, leia este bilhete que me esclareceu. Passou a hora das considerações. Deixo-lhe a escolha de sua morte.

A marquesa se defende, jura ao marido que ele se equivoca, que ela pode ser, é certo, culpada de imprudência, mas que sem dúvida não o era de um crime.

– Não me dominará mais, falsa – responde o marido irado –, não me dominará. Escolhe, anda, ou esta arma em seguida vai te tirar a luz.

A pobre sra. de Guissac, apavorada, decide pelo veneno, pega o copo e bebe.

– Pare – lhe diz o esposo quando ela já engoliu parte do líquido. – Não perecerá sozinha. Odiado, enganado por ti, que quer que eu me torne no mundo? – e bebe o resto.

– Ó sr. – exclama ela –, no estado terrível a que nos reduziu, um e outro, não me recuse um confessor, e que eu possa ao mesmo tempo beijar pela última vez meu pai e minha mãe.

Mandam em busca, na hora, das pessoas pedidas pela pobre mulher. Ela se lança nos braços dos que lhe deram a vida, a reafirmar que não é culpada. Mas que censura fazer a um marido que se julga enganado e que se pune tão cruelmente quanto a mulher, se matando? Trata-se apenas de desesperar, e as lágrimas vertem igualmente de todas as partes.

O confessor chega.

– Neste atroz instante da vida – diz a mulher –, quero, para consolo de meus pais e honra da minha memória, fazer uma confissão pública.

E se acusa em voz alta de tudo o que a consciência lhe reprova desde que nasceu.

O marido atento e que não escuta falar do barão d’Aumelas, certo de que num momento daqueles sua esposa não ousaria dissimular, se levanta no auge da alegria.

– Queridos pais – exclama, abraçando ao mesmo tempo o sogro e a sogra –, consolem-se e que sua filha me perdoe o medo que lhe dei; mas me pôs tão preocupado que era lícito que a preocupasse um pouco. Nunca houve veneno no que um e outro bebemos, fique ela tranquila, fiquemos todos, e que ela aprenda que uma mulher de fato honesta não apenas não deve fazer o mal, não deve sequer deixar que dele se desconfie.

A marquesa teve dificuldades para se repor. Tinha acreditado tanto que estava envenenada que a força de sua imaginação a havia feito já sentir todas as angústias de uma

morte assim. Ergue-se trêmula, beija o marido, a alegria substitui a dor, e a jovem, demasiado castigada pela cena terrível, promete evitar no futuro até a mais leve aparência de problema.

Manteve a palavra, vivendo mais de trinta anos com o marido sem que nunca mais esse tivesse a menor censura a lhe fazer.